

CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty: uma Introdução**. São Paulo: Educ. 2000, 159 p. (Série Trilhas).

Agenor de Oliveira¹
Luiz Augusto Passos²

Paulo Sérgio do Carmo é um destacado educador e escritor que se dedica com muita sutileza ao estudo da fenomenologia merleau-pontyana. Na obra em referência, esse autor discute a filosofia das essências de Maurice Merleau-Ponty. Os elementos-chave discutidos nesta resenha dizem respeito àquilo que esse fenomenólogo procura clarificar quando diz que os fenômenos resumem-se em definir essências, ou seja, é o ir buscar a coerência lógica do evento. Para isso, dentro de uma metodologia das ciências sociais, procura demonstrar que, para essa corrente teórica, não somos nós a interferirmos nas coisas e sim são elas que se mostram para nós, ou melhor, se deixam revelar. Sendo assim, quando nos propomos a explicar o fenômeno, interferimos nele introduzindo nossas categorias lógicas. Só que esse ato de explicar é um ato artificial. Diante disso, a tarefa filosófica dos fenomenólogos consiste em descrever e não explicar os fenômenos. Esse descrever é, portanto, uma abordagem do fenômeno na perspectiva do homem, o qual o vivencia tal como ele se apresenta à sua consciência.

No livro em epígrafe, o autor contribui ensinando que é a partir da vivência e consciência do homem, que está o ponto para se entender que existe um mundo exterior ao homem. Esse mundo vivido pode ser descrito pela fenomenologia no plano das idéias. Disso decorre o entendimento de que, além do mundo das idéias,

-
- 1 Mestrando do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso. Linha de Pesquisa Movimentos Sociais Política e Educação Popular. Endereço profissional: Av. Fernando Corrêa da Costa, s/n. Coxipó, Cuiabá, MT, Brasil.
 - 2 Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso e do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação/UFMT. Endereço profissional: Av. Fernando Corrêa da Costa, Coxipó, Cuiabá, MT, Brasil, E-Mail: <passos@ufmt.br>.

nós vivemos também num mundo exterior e, portanto, idéias e coisas não podem ser separadas, pois constituem um único fenômeno.

O mundo, segundo Carmo (2000), em fenomenologia, é o meio da realização da consciência e se o homem é um ser-no-mundo, a consciência tem que coexistir com esse mundo que o envolve, eis que o mundo está sempre aí, antes da reflexão. Dessa maneira, o nosso esforço consiste em, nesse contato com o mundo, procurar dar-lhe um significado e um estatuto filosóficos. O autor continua suas argumentações enfatizando que existe um *enraizamento* do espírito no corpo. Assim, a consciência está atada ao corpo que a liga ao mundo, que, fenomenologicamente mostram dois níveis de existência: o pessoal e o pré-pessoal. Este último é o corpo. É ele que, pela experiência perceptiva, age como doador de sentido e significado e propicia o relacionamento que precede toda escolha consciente. É o inverter a lógica de Descartes: “Penso, logo existo!” para: “O homem pensa porque existe”. Segue-se então que, para a fenomenologia, a consciência é sempre consciência de alguma coisa, e o objeto será sempre objeto para uma consciência que é tocada pelas coisas, isto é, que as percebe e lhes dá sentido via significações.

As janelas das subjetividades

Na sua contribuição com a Educação, o que Carmo (2000) deixa muito claro é que a fenomenologia é uma das correntes da filosofia e uma das possibilidades de se abrir janelas para enxergar o fenômeno em seus mais variados ângulos, a fim de melhor se apropriar de sua essência. Porém, esse estudioso clarifica que a fenomenologia não dá conta de tudo. Por ser uma abordagem própria, ela quer ser lugar de interlocução entre as correntes que apontam soluções diferenciadas, mas sem a pretensão de ser a solução final e sim a de chegar o mais próximo possível da essência do fenômeno. Entende-se que ela veio num momento importante, naquele momento chamado de Crise da Razão. Hoje, pelo seu acolhimento no meio intelectual, a fenomenologia tem várias correntes. E o autor leva-me a citar duas: a empírico-positivista, que supunha explicações significativas à grandeza dos fenômenos, e a corrente histórico-dialética, de matriz basicamente marxista, de cunho hegeliana cujos métodos de investigação, pautados na história das economias na sociedade, mostram que os resultados já estão mais ou menos previstos. Essa proposta teórico-metodológica possibilita através do contato, via superação das contradições dos movimentos sociais, a transformação da sociedade, isto é, rompendo com determinada circunstância, é o transcender uma realidade.

Os silêncios que gritam

Qual a riqueza de detalhes na obra de Paulo Sérgio do Carmo? Entre outras, para mim, é quando a fenomenologia merleau-pontyana diz que entre os limites do cognoscível existe um elo invisível de ligação entre o fenômeno, sua primordialidade, seu momento atual e sua transcendência. E aqui, do Carmo nos socorre contribuindo para ajudar a entender o que é esse elo, isto é, aquele caminho que vai permitir, através do sensível e agora então procurar captar a significação desses vazios existentes entre o conhecimento empírico e esses intervalos ou silêncios que gritam. E aqui, Mantovani (2003) me instiga a captar os significados ou ligações efetivas, que correspondem a um ir fundo em um terreno que existe e grita para ser revelado, ser escutado, entendido, decodificado. Esse silêncio que é cheio de significados, não é ainda a região primordial, é uma intencionalidade que cria e re-cria e que, embora aparentemente oculto, provoca a percepção. É uma voz silenciosa que grita e que dá sentido e instiga a consciência a vasculhar em seus vestígios, os significados das múltiplas faces do fenômeno e mostrar as objetividades que esse mergulho ou redução –*epoché*– tem por missão encontrar. É ir mais além: é o rasgar os véus, se entronizar no Logos ou no mundo, agora já usando as suas falas, seus sentidos e suas essências. É aqui que o fenômeno revela-se e permite dar seu sentido ou sentidos através da fala e do pensamento. É a interpretação subjetiva dos significados de um significante ou fenômeno. É por isso que podemos dizer que não existe o real, eis que nós é que o construímos através de um ente chamado Razão, que, como a consciência, que também foi criada por nós, vai nos ajudar a dar aqueles sentidos que facilitarão entender os fenômenos que tanto nos encantam. Ora, porque são imaginários e simbólicos, via fenomenologia, agora são reais. É aqui que, quando estudávamos esta obra de do Carmo, conseguimos compreender Luiz Augusto Passos, em 2007, em colóquios acadêmicos, quando dizia que “A dimensão simbólica é a força mais presente na sociedade de hoje”. Desde então, sinto Carmo despertando, na Educação, o grito que surge falando da importância das subjetividades, da descrição densa, das temporalidades, da etnografia, da antropologia e da hermenêutica para nos ajudar a trilhar pelas veredas e incógnitas dos fenômenos. Daí a potência da palavra geradora quando *pari* substancialmente as coisas e que nos liga na inseparabilidade da dimensão cósmica com a dimensão consciência e nos faz construtores de nossa própria história... Daí o se prestar atenção a um corpo que fala numa verdadeira endossomose com a natureza e com o transcendental, a fim de dar sentido às suas lutas, não na fatalidade dos destinos, mas na simbiose com a mãe vida, que é luta e transformação. Ou seja, que é dialética e que se desnuda frente àqueles que têm a coragem de rasgar os seus véus e que, como do Carmo, se jogam na rede dos fenômenos para nos falar da fenomenologia merleau-pontyana.

Conclusão

Em fenomenologia, somos orientados para descrever o fenômeno. Não comentá-lo. É aqui que as subjetividades terão que ser sutis, como que dando um empurrãozinho, a fim de ajudar na clarificação das ações vividas pelos sujeitos em estudo. E isso é possível se é verdade que você tem condições de entender o que o outro está dizendo. Ora, ao analisar a obra em questão, entendemos também que todos somos atores e também estamos no palco, e, como ocorre com os fenômenos, todos temos condições de nos fazer entender quando estamos falando ou agindo, pois todos temos a nossa linguagem. Merleau-Ponty (2006) ensina a descobrirmos os códigos para sermos um entendido. Um cuidado: é só manter o foco centrado na linha de chegada ou mundo a ser pesquisado. Ora, como o homem é um “ser-no-mundo”, então, sua consciência, ao coexistir com esse mundo vivido e que o envolve, vai atuar atada ao corpo que a liga nesse mundo que realiza essa consciência. É no tempo e no espaço que se desenrolam os acontecimentos e desnudam-se as transcendências. Então, é aí que o pesquisador deve intuir para explorar a primordialidade fenomenológica que o encanta e o espanta. Agora, já tocado pelas coisas, por intermédio desse templo chamado corpo, que surjam nos sujeitos a sua palavra significadora, aquela que a liga à dimensão cósmica e o faz entender sua missão e poder dizer, inspirado em Carmo, parafraseando o aluno que na escola-mundo já cumpriu sua tarefa: sim, “cantarei com o espírito, mas cantarei também com o entendimento.”-1ª Cor. 14,15b-.

Referências

CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty: uma Introdução**. São Paulo: Educ, 2000.

MANTOVANI, Herley Juliano. Arqueologia Fenomenológica de Merleau-Ponty. In: **Revista Eletrônica Print by UFSJ** <<http://funrei.br/publicações/Metanoia>>. Metanoia. São João Del-Rei, n. 5, p. 43-54, jul. 2003. Acesso em: 07 ago. 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Data de recebimento: 04/04/2008.

Data de aceite: 04/05/2008.